

O SIGNO CULTURAL E MITOLÓGICO DO POVO SÁMI (TROMSØ - NORUEGA) POSSIBILIDADES PARA O TURISMO ÉTNICO

Data de aceite: 01/02/2024

Joelma Monteiro de Carvalho

Professora Dra. Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Secretaria de Educação (SEDUC). Pesquisadora vinculada ao grupo de Grupo de Pesquisa Mythos - Humanidades, Complexidade e Amazônia - UEA/CNPq

Lucino Torres Tricárico

Professor Dr. Universidade Vale do Itajaí/ UNIVALI

Solange Pereira do Nascimento

Professora Dra. Universidade do Estado do Amazonas, Pesquisadora, líder do Grupo de Pesquisa Mythos

RESUMO: Este estudo descreve os signos presentes nas práticas ritualísticas, sua importância e influência na identidade do povo Sámi como potencial para o turismo étnico. Nesse sentido, o estudo atende uma perspectiva metodológica de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, tendo como base a fenomenologia de Husserl, (1996), com estratégias etnografia, Mattos (2011) e semiótica de Peirce (2010). Os lócus da pesquisa se deram na cidade de Tromsø/Noruega, com o povo Sámi, localizado a 350 quilômetros ao norte do

Círculo Ártico. “O termo Sámi remete a várias etnias e não a um único povo que é constituído numa unidade expressa em forma de nação, conforme Lehtola (2005, p.11). Adjetivada por seus inúmeros encantos, combina o destino turístico com a natureza e a mitologia e cultura dos povos noruegueses, além da essência do homem pastoreio. As técnicas das interlocuções com os envolvidos produziram anotações do campo, tendo como estratégias a observação participante, entrevista aberta, anotações, fotografias e registros em áudio. Como resultado, elencamos variados signos, verbais e não verbais presentes na mitologia Sámi, os quais são usados em rituais e, atualmente, são simbolizados nos artesanatos, na evocação dos cantos e no uso de animais que representam significativamente histórias da ancestralidade, refletidas no turismo étnico.

PALAVRAS-CHAVE: Signos. Turismo étnico. Povo Sámi. Tromsø. Noruega.

THE CULTURAL AND MYTHOLOGICAL SIGN OF THE SÁMI PEOPLE (TROMSØ-NORWAY) POSSIBILITIES FOR ETHNIC TOURISM

ABSTRACT: This study describes the signs present in ritualistic practices, their importance and influence on the identity of the Sámi people as a potential for ethnic tourism. In this sense, the study serves a methodological perspective of a qualitative, descriptive and exploratory approach, based on the phenomenology of Husserl, (1996), with strategies of ethnography, Mattos (2011) and semiotics of Peirce (2010). The locus of the research was in the city of Tromsø / Norway, with the Sámi people, located 350 kilometers north of the Arctic Circle. “The term Sámi refers to several ethnic groups and not to a single people that is constituted in a unit expressed in the form of a nation, according to Lehtola (2005, p.11). Adjoined by its countless charms, it combines the tourist destination with the nature and the mythology and culture of the Norwegian peoples, in addition to the essence of the shepherding man. The techniques of interlocutions with those involved produced notes from the field, using participant observation, open interviews, notes, photographs and audio records as strategies. As a result, we list various signs, verbal and non-verbal present in Sámi mythology, which are used in rituals and, today, are symbolized in handicrafts, in the evocation of songs and in the use of animals that significantly represent histories of ancestry, reflected in tourism ethnic.

KEYWORDS: Signs. Ethnic tourism. Sámi people. Tromsø. Norway.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem havido uma preocupação mundial com a paisagem sagrada e sítios naturais como meio de conservação da cultura, no habitat do povo Sámi (DUDLEY et al. 2010; WILD, MCLEOD 2008). Os estudos da memória sobre a tradição cultural de um povo têm despertado pesquisadores como tema atual em abordagem nos estudos contemporâneos, principalmente nas ciências humanas e sociais. Nesta direção, o povo Sámi tem trabalhado para manter viva a cultura e a tradição por meio de variados signos, dentre eles o pastorear das renas, os artesanatos e as canções empregados em rituais. Os Sámi, enquanto povo com direitos, deveres e princípios, obtiveram marcas identitárias por meio de símbolos necessários ao reconhecimento da cultura num contexto contemporâneo.

As teias mitológicas “foram preservados até hoje pela transmissão oral por meio dos mitos, lendas, contos de fada, sagas crenças e outras manifestações” Faur (2014, p.174), vivendo em equilíbrio com a natureza. Um povo organizado, independente, com parlamento e regimentos próprios, fatos estes que “em 1986 foram criados o hino e a bandeira da cultura Sámi” (Herb & Kaplan 2008) que traduz a luta desse povo.

Dorsch (2017, p. 47) reafirma que “os Sámi são representados na Assembleia Parlamentar na Noruega, na Finlândia e na Suécia e, embora percebidos como órgãos que governam a autonomia Sámi”, no que tange às políticas sobre educação, cultura, língua e ao estatuto indígena, dialogam permanentemente com o governo do mesmo país.

Os símbolos, como a bandeira Sámi, têm um significado bem particular, os parlamentos permanecem até os dias atuais fortalecendo as políticas públicas para a

população. A garantia dos direitos veio após longa história de lutas, “O direito internacional tornou-se um meio cada vez mais significativo, pelo qual o Sámi e outras minorias aborígenes são capazes de expandir sua posição legal dentro seus próprios países”, Hicks (2001, p.10).

Assim, este trabalho analisa como o povo Sámi ao Norte da Noruega, na cidade de Tromsø, ressignifica a tradição cultural, por meio dos signos, como possibilidade para o turismo étnico. Quais os símbolos que representam a cultura Sámi? Os signos presentes em rituais são atrativos aos turistas? Essas inquietações levaram-nos até o campo deste estudo para levantar e analisar os signos usados em rituais na formação do grupo étnico e ao contexto atual. Da mesma forma, Marcel Mauss, nos estudos “*Essai sur les variations saisonnières des sociétés Eskimos: Étude de morphologie sociale*” (1904, p. 123), sobre os apontamentos do povo, procurou estabelecer critérios de análise, com a finalidade de compreender a estrutura morfológica social dos grupos, a partir da geografia, nas estações anuais, nos assentamentos e, por fim, nos costumes cultural.

A Noruega tem uma população de 5.372.191, (cinco milhões, trezentos e setenta e dois mil e cento e noventa e um), conforme dados do censo de Inteligência dos Estados Unidos (julho de 2018), e características peculiares do Norte do Ártico, um país diversificado com marcas históricas.

Quanto aos dados étnicos noruegueses, apresentam um percentual de 83,2%, que inclui cerca de 60.000 Sámi. Em se tratando da cidade de Tromsø, os dados da UNESCO apresentados no atlas de 2013, divulgado pela Universidade de Tromsø- UIT (2018, p. 89), mostram que nesse período havia 30 mil falantes Sámi North, Noruega, sem especificar as cidades. No entanto, na cidade de Tromsø, conforme dados do Parlamento Sámi de 2017, o número de eleitores identificados no referido parlamento era de 1.404 pessoas, e dessas votaram na última eleição 842.

O povo Sámi é um povo muito antigo. “Eles são pouco estudados e praticamente desconhecidos. Eles habitam o Norte da Escandinávia, da Noruega, Finlândia e a Península Kola, com parentesco com Finlandeses, os samoiedos e as tribos siberianas” (FAUL, 2014, p.567). No entanto este estudo está direcionado ao povo que habita em Tromsø/ Noruega, sendo a sua capital a cidade de Oslo, conforme mostra o mapa.

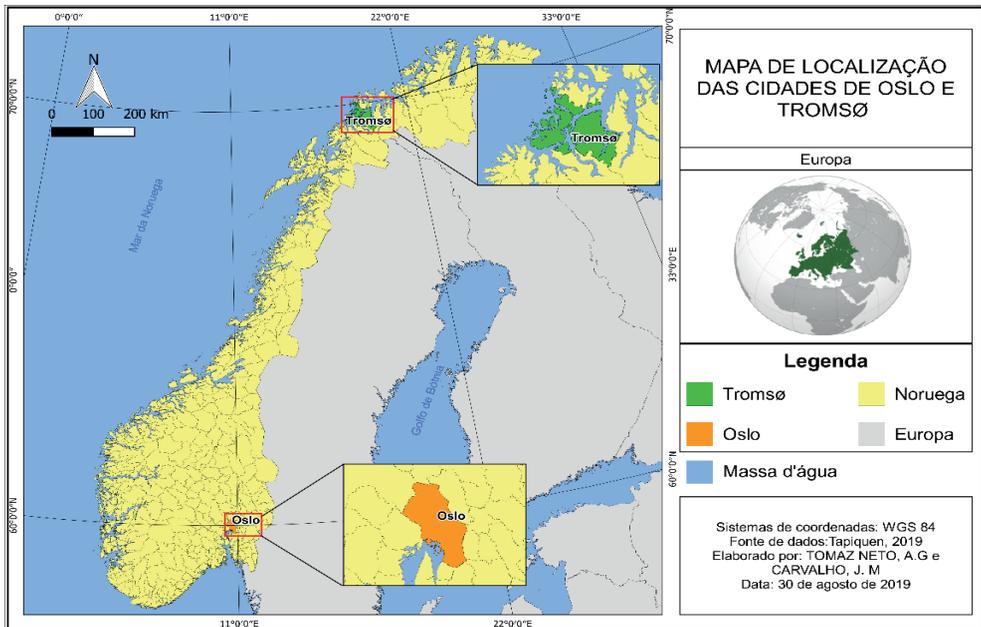


Figura 1: Mapa da localização da Capital da Noruega e a cidade de Tromsø

Fonte: Tomaz Neto, A.G e Carvalho, J.M, agosto de 2019.

Um povo que, na sua diversidade, apresenta diferenças climáticas, linguísticas e culturais bem singulares, de origem indo-europeia, porém manifesta e compartilha mitos, crenças, costumes folclóricos e conceitos religiosos semelhantes a outros povos. “À medida que os guerreiros vikings se aventuravam para longe de sua pátria, em busca de comércio, conquistas e pirataria, eles também levavam consigo, crenças, mitos e costumes” (FAUR, 2014, p.629).

COSMOGONIA E IDENTIDADE E OS ELEMENTOS SÍGNICOS

A relação homem e natureza, em Tromsø, está intimamente ligada aos fenômenos cósmicos da Terra, do Sol e da água, além do enigmático fenômeno das Auroras, sobretudo da Boreal. A cosmologia nórdica, como se percebe, é preservada, principalmente pelo elemento ligado à natureza. O sol denominado de “sol da meia-noite” é um momento que atrai turistas e possui muitos significados, dentre eles, o que aquece e nutre os seres vivos, em dias curtos e outros dias longos em Tromsø (FAUR, 2014).

No que diz respeito ao aparecimento da Aurora Boreal, ela costuma surgir no final do mês de setembro. Em 2019, um ano atípico, sua aparição ocorreu no dia 07 de setembro às 22h30, período em que adentrava ao campo deste estudo. Era uma noite na qual o espaço celestial estava sem nuvens, o céu com uma negritude, e do alto as estrelas luziam. Com explicações astronômica, o fenômeno é uma das aparições preferidas dos nativos e dos

turistas e há conversas com a Aurora Boreal. Nas ruas e nos prédios, o clima é contagiante com a presença celestial desse espetáculo da natureza, que traz um sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo mítico para os que o presenciam.

De modo geral, não se afirma que, à associação dos mitos está relacionada com os fenômenos da natureza. Neste sentido, Langer colabora que “nem sempre é possível explicar a origem dos mitos pelo simples contato dos fenômenos naturais, pois eles possuem outras motivações sociais, políticas e mesmo religiosa” (LANGER, 2013, p.79).

Ao falar de Sámi, deve-se levar em consideração que o termo remete a várias etnias e não a um único povo que é constituído numa unidade expressa em forma de nação: hoje, são reconhecidas 10 etnias diferentes (LEHTOLA, 2005, p.11). Neste trabalho, o foco são o Sámi do Norte, que estão pelos fiordes da região da cidade de Tromsø.

Destaque-se que o Sámi, tipicamente, costuma usar canções denominadas de joiks, que são manifestações de forte musicalidade, carregadas de sentimentos. São cantigas transmitidas de geração em geração, cabendo a cada família preservar a tradição cultural, por meio dos filhos, ao transmitir seus próprios joiks, fazendo com que, dessa forma, a tradição desse povo atravessasse séculos. Sendo assim, a arte de contar histórias entre o povo está presente na estrutura e na narrativa dos contos folclóricos (HOFFMANN, 2008).

Há variados e diferentes joiks (yoik) para distintas finalidades, que são empregados em diferentes momentos, seja por evocação, adoração a um ser humano, seja para os animais. São cantos carregado de elementos mitológicos, muito emotivos, em que cada melodia pode ser destinada à mulher amada, outra aos antepassados, outra aos filhos, à cura de doenças, à natureza, à prosperidade, e a outras intenções.

A partir da década de 1980, a retomada das tradições vem crescendo, apoiada pelo governo norueguês, conforme preconiza a convenção 169, em seu 2º artigo “Os governos terão a responsabilidade de desenvolver, com a participação dos povos interessados, uma ação coordenada e sistemática para proteger seus direitos e garantir respeito à sua integridade”.

Da mesma forma que como outros povos do mundo, “os ancestrais dos povos nórdicos também praticavam o xamanismo, a conexão com o mundo animal e espiritual que era feita por meio de danças ritmadas em rituais” (FAUL, 2014, p. 40).

Alves (2018) destacou que os *noaidi* - nome dado aos xamãs - eram capazes de penetrar em diferentes mundos espirituais, ao entrar num estado de transe, por meio de rituais, sacrifícios e canções. Aqueles que fizessem uso dos cuidados do Xamã eram chamados de feiticeiros primitivos (LEHTOLA, 2005, p.16). Unni Lundstedt relata com sentimento de tristeza que “procurar um xamã era motivo de penalidade. A história revela que, nos anos 1600, muitos Sámi foram sacrificados e queimados em fogueira, pois eram condenados por práticas de bruxaria” (comunicação oral coletada em 06 de setembro de 2019).

Dialogando com Munch (1926), numerosos mitos surgiram e estão relacionados

aos espíritos, que sofreram expulsão por meio de cânticos, orações ou água benta dos sacerdotes, e por este motivo abandonaram forçosamente suas moradas em pedras ou os montes. Constantemente, com os Sámi, no passado, alguém era ridicularizado ou acusado de ser supersticioso por acreditar em deuses e xamãs.

São muito presentes as lembranças do passado, memórias deixadas pelos ancestrais, entre os Sámi, conforme destacou Faul (2015, p.63) “para criar uma sintonia com a antiga tradição, o ritual de iniciação deve ser ao ar livre”. Desse modo, os símbolos se apresentam, em cada ato, carregados de metáfora, por exemplo: um simples andar pela beira do mar é como renascer um momento do passado. As práticas ritualísticas se estabelecem por meio de pessoas, objetos e locais, de forma organizada e dinâmica, “criando danças, cantos, músicas, entre outros métodos, para garantir a conexão entre o homem e o sagrado” Ayoub (2015, p.408). Também, os rituais ocorriam em locais naturais como as margens do rio, colinas, campos, ou outros locais, Ayoub (2015).

Na mitologia Sámi, as pedras fazem conexão com outros mundos, “as grandes pedras que eram tidas como portais de conexão para os outros mundos, e onde podiam ser realizadas cerimônias sacrificiais e oferendas às divindades e espíritos” (Kent, 2014, p. 84). Afinal, eram momentos de reunir em torno do fogo, cantarolando e se alimentando de frutos da natureza.

DESCRIÇÃO DOS SIGNOS, NUMA ABORDAGEM DA SEMIÓTICA

Retornando às questões mitológicas, elas são expressas nos artesanatos e conhecidas como duodji, visíveis nas lojas da cidade de Tromsø, como as famosas meias artesanalmente traçadas por mulheres Sámi. Essas peças de roupa são agregadas à historicidade, representadas pelo tempo e trazendo sentimentos, carregadas de um valor cultural dos nativos, por apresentar traçados, ponto a ponto, passados de geração a geração. Os duodji são sustentados pelas representações de Sámi e expressam trabalhos exuberantes com grafismos desenhados em roupas, bonés e em utensílios bem diversificados e com tecelagem próprias, apresentando características e habilidades do mesmo povo.

Nas figuras a seguir os símbolos gráficos são apresentados nas confecções, em loja do museu Polaria. Na figura 2, é marcada pela cabana denominada de *lavvu*, usada em estações para contemplar a Aurora Boreal, Sol da meia-noite, dentre outros elementos do espaço celestial, que remontam a uma trajetória histórica dos Sámi. Já na figura 3, faz referência ao homem pastoreio, em atuação no campo com a rena, a qual é um símbolo dos criadores.



Figura 2: Signo cabana no vestuário



Figura 3: Signo rena no gorro

Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora capturado no museu Polaria, setembro de 2019.

Na loja de artesanato do museu Polaria, no centro comercial de Tromsø, as vitrines apresentam uma variedade de chaveiros, confeccionados em madeira, outros confeccionados em osso de rena, pulseiras em curtimento de couro, canecas típicas, dentre outros produtos, tendo como relevante conteúdo simbólico a mítica rena, e outros, como parte da cultura imaterial.

Estes e outros objetos são encontrados, também, no museu Polaria, em Tromsø, como as luvas, bolsas, pulseiras e outros artigos confeccionados do couro de rena. Tradicionalmente, o artesanato (duodji), na descrição da Senhora Unni Lundstedt, “é de um tempo que sempre cuidávamos do nosso artesanato”, desenvolvendo todas as atividades relacionadas a ele, como na colheita de junco de grama, no processo de secagem e utilização no enchimento de luva, tanto para absorção do calor, quanto também para amortecimento, durante o uso de pastoreio.

Assim, a complexidade do fenômeno não se configura somente por questões econômicas da cidade, mas também pela afirmação identitária que marca o povo nórdico Sámi e reforça a etnicidade. Os distintivos remetem desde a origem histórica deste povo em um percurso até os dias atuais. “O discurso e a análise semiótica permitem apreender, não apenas os produtos cristalizados ou convencionais, mas também, os atos semióticos (MELLO, 2019, p.138).

Os elementos que marcam a identidade do povo Sámi estão relacionados com a cosmovisão nos elementos da água, da terra e do elemento cósmico, geradores de sentido anualmente.

Sobre os signos, Peirce (2010, p.49), ao classificar em categorias, definiu como uma “relação triádica de comparação, as quais fazem parte da natureza lógica; de desempenho, que estão relacionadas às naturezas dos fatos; e de pensamento, ligadas à natureza das

leis”. Em resumo, no campo semântico a relação triádica do signo está correlacionada entre o signo, seu objeto e o interpretante.

No que diz respeito aos signos presentes nas práticas ritualísticas do povo Sámi, cada elemento é representado por um símbolo relacionado ao valor sógnico. Esses elementos representativos usados diariamente pelo povo Sámi têm exercido atração em turistas do mundo inteiro. Eles promovem no indivíduo a curiosidade em conhecer a tradição cultural, além do estilo de vida, a partir da historicidade empregada nas narrativas dos heróis e deuses ao longo da história, usados em rituais. A relação homem e natureza se estabelece de forma bilateral e organizada, a fim de garantir os costumes, assegurados por leis próprias do povo, para promover sustentabilidade e igualdade no Ártico (Hicks, 2001).

Hoffmann (2008, p. 82) destacou que “o processo de afirmação da identidade étnica dos Sámi ganharia novos contornos na primeira metade do século XX, quando esse povo começou a buscar formas de expressão política ligadas à defesa de seus interesses”. Assim, todas as decisões passam pelas organizações denominadas de parlamento Sámi, que resguardam o valor dos símbolos numa tríade entre o signo, objeto e interpretante.

Nessa perspectiva, os símbolos destacados nos hotéis, lojas de artesanatos e museus remetem à cultura nórdica, sobretudo do povo Sámi, reminiscência das tradições xamânicas. Faul (2014, p.570) destacou que “Os Sámi consideram os espíritos da natureza seus ancestrais, se comunicavam com eles por meio do noajddes, aqueles que enxergam no escuro”. É viva a tradição cultural desse povo, e a cada dia se fortalece, pelos movimentos políticos e sociais.

MITOLOGIA SAMI: SÍMBOLOS E SIGNOS DE UM POVO

De acordo com Faul (2014), o mundo, segundo a tradição Nórdica, iniciar-se-ia com o surgimento de três temerosos invernos que poderiam ser, também, o anúncio do fim do mundo, ou o inverno sem fim, que seria o fim dos tempos. Duas forças, uma do bem e outra do mal ligadas à natureza que são representadas pelo fogo e pelo gelo.

Os antigos acreditam que o universo nasceu dessas energias opostas: sendo uma pela força ígnea, contração e a cristalização pelo gelo. “Antigamente eles cultuavam a Grande Mãe, que se manifestava nas florestas, grutas, pedras, rios e animais, de modo a reverenciar suas personificações [...]”, Faul (2014, p.572). Neste sentido, é perceptível o valor semântico que marca o povo nórdico Sámi, pois consideravam que os espíritos da natureza e seus ancestrais se comunicavam frequentemente, por intermédio do xamã.

A respeito da mitologia Nórdica, destacou sobre os “elfos, seres que se associaram preferencialmente aos homens, alguns eram bons e outros eram maus”, Segundo, Munch, (1922, p.56) os bons elfos, chamados elfos brilhantes (ljós-alfar), que eram mais brilhantes que o sol, tinham sua residência em Alfheim; os elfos malignos, chamados elfos escuros (

svart-alfar , døkk-alfar) eram mais negros que o campo, tinham suas casas sob a superfície da terra e, portanto, costumam ser confundidos com os anões. Os elfos, segundo narrativas do Sámi, viviam muito abaixo da superfície da terra ou ainda criavam seu habitat em grandes rochas ou montes. Esse imaginário popular ainda está presente na vida dos pastoreios e se mistura com a vida cotidiana de modo de vida tradicional.

Assim, ao andar pelas ruas da cidade de Tromsø, as lojas são decoradas por animais que representam a cultura Sámi, além de se deparar com renas *Rangifer tarandus*, trafegando pelas ruas em rebanho. As renas são consideradas como um animal mítico, lendário, apresenta beleza e graciosidade. De forma simbólica, “os animais mamíferos são os que aparecem em maior frequência e diversidade, tanto na mitologia, quanto na iconografia”, destacou Oliveira (2016, p. 86).

Logo, dependendo da estação do ano, os cuidadores de renas pastoreiam em lugares diferentes, seja em campos montanhosos, seja nas costeiras do mar. No entanto, conforme a Convenção nórdica, dentre os requisitos de ser denominado Sámi, destacamos o 4º artigo “tenham o direito de exercer a criação de renas Saami na Noruega ou na Suécia”.

As renas, na biologia, fazem parte da classe dos *cervídeos*, cervos que em latim científico são denominados de *Cervidae*, ou ainda veados, do latim venatu, “caça morta”, constituindo uma família de animais ungulados artiodáctilos e ruminantes, à qual pertencem animais como a corça, o alce e o caribu. Esse cervídeo de chifres vive em manadas silenciosas pelas altas latitudes e é magnificamente adaptado à aridez e a temperaturas baixíssimas. É um animal de rebanho que resiste a céu aberto nas noites do inclemente inverno, quando a temperatura chega à 45°C negativos em época do inverno. Para o Sámi, a rena é a marca da essência de ser Sámi. Sua bravura e resistência fazem o povo Nórdico persistir e lutar pelo meio ambiente para manter viva a espécie (ALVES, 2018).

Dorsch (2017, p. 22) enfatizou que a relação entre Sámi e natureza vai além dos modos de subsistência, das técnicas utilizadas e da sua localização. Esta relação ficou assente em lendas e histórias, sendo esta cultura do ambiente o foco do mundo Sámi. Em todas as narrativas, a natureza serve não somente de cenário exuberante entre fiordes, mas também demonstra a força da mitologia deixada pela ancestralidade. A exemplo, destacamos a presença de animais em território Sámi, como ursos e lobos, tidos como personificações de seres de outros reinos espirituais e, portanto, a caça e a matança ritualística desses animais eram proeminentes também no sentido religioso (KENT, 2014, p.79).

A cosmovisão deste povo é carregada de simbolismo, sendo orientado pelos deuses “Veralden-radien, um dos mais importantes, que regia o Universo e era provedor da fertilidade que sustentava todo o mundo e Bieggalmái, deus dos ventos, de suma importância para os Sámi que rebanhavam renas”, destacou Alves (2018, p. 224).

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para imersão na cultura Sámi, povo indígena nórdico, foram necessários vários percursos até chegar à cidade de Tromsø. A partir de uma abordagem fenomenológica, tendo como estratégias a etnográfica e a semiótica, foi possível navegar pelo solo gélido do Ártico. A fenomenologia “é uma investigação em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno descrito pelos participantes”, destacou Creswell (2010, p.38). No juízo fenomenológico, proposto por Husserl, exige uma eliminação de noções preconcebidas em relação à natureza dos fatos, numa relação descritiva e dialógica entre o pesquisador e o participante (DATIGUES, s/d; MERLEAU-PONTY, 1999). A proposta husserliana busca a apreensão da própria coisa, isto é, do fenômeno em estudo.

No que diz respeito a etnografia, “trata-se de uma estratégia de investigação em que o pesquisador estuda um grupo cultural, por meio observacionais” (CRESWELL 2010, p.37). Como se trata de um povo internacional, o percurso metodológico iniciou no segundo semestre de 2017, em que fizemos um contato inicial com o Consulado da Noruega no Rio de Janeiro, tendo como finalidade estreitar uma rede de contatos para a pesquisa. Em 2018, estabelecemos nova conexão, por e-mail e por telefones, com pesquisadores do Núcleo de Estudos Sámi, em Tromsø. Os meses se passaram e, em julho de 2019, houve um encontro com a Embaixada da Noruega em Brasília. Apresentamos a proposta do projeto da tese ao coordenador dos povos indígenas Sámi, senhor Kristian Bengtson. Nesse diálogo, foi possível apresentar a proposta do estudo e compreender sobre a política da Noruega e do povo Sámi.

Seguimos viagem ao campo da pesquisa na cidade de Tromsø / Noruega, a fim de reforçar e consolidar a escrita para a base exploratória deste estudo. As questões que nortearam a investigação foram a partir dos objetivos traçados em levantar e analisar os signos usados em rituais, como atrativos para o turista e para o desenvolvimento cultural.

A pesquisa é descritiva e exploratória, conveniente neste estudo, pois se trata de um desenho inovador, ainda desconhecido na literatura científica, em que se abordam questões descritivas e suas interpretações (CRESWELL, 2010).

Os indígenas são importantes nativos, capazes de estabelecer a história do passado com atualidade, expressa por meio da mitologia apoiada na natureza. A partir dos objetivos traçados, estabeleceu-se ir ao encontro dos participantes, de modo a “expressar opiniões, aprender a escutar, ouvir e estabelecer diálogos face a face” (Olsen, 2015, p.109).

Ainda no bojo da pesquisa qualitativa, priorizou-se, nesse momento, um estudo de caso, junto ao grupo de pessoas Sámi, incluindo pesquisadores do Núcleo de Pesquisa Samisk, na Universidade de Tromsø, além de acervos e fotografias presentes nos museus Polaria e Museu Sámi da (UIT), na biblioteca pública de Tromsø, nas lojas comerciais de souvenir e na agência de viagem Visittromsø.

Na universidade, levantamos uma vasta literatura, escrita nas línguas norueguesa, inglesa e espanhola, sobre o povo Sámi. Como instrumento de coleta dos dados, gravamos as entrevistas abertas e fizemos a captura de imagens fotográficas, junto aos povos indígenas e aos demais participantes, relacionando a trajetória específica de cada um deles, observando e ouvindo as suas posições e preocupações, de forma a poder tratá-los de modo qualitativo.

Foram dias de intenso trabalho que dispusemos para realizar o campo de estudos, na cidade de Tromsø, Noruega, onde realizamos o levantamento em arquivos de internet, em documentos na Universidade de UIT, na biblioteca e em museus, que nos consentiram delinear com profundidade e segurança a vida cultural e histórica dos Sámi, o que envolveu um vasto conhecimento sobre o assunto, em fontes primárias e secundárias reunidas em documentos e livros.

Quanto à seleção, priorizamos 30 pessoas maiores de idade, residentes em Tromsø, sexo masculino e feminino, na faixa etária de 18 a 65 anos de idade. Assim, sob o enfoque de entrevista aberta, observação participante, roda de conversa e captura de fotografias, além dos devidos registros no diário de campo, as entrevistas e as notas de campo foram delineadas, acendendo as memórias vivas no tempo da narrativa histórica e poética, (PAUL RICOEUR, 2010, p.113).

Quanto ao instrumento da entrevista, cabe ressaltar que não foi fácil fazer uma abordagem etnográfica, pois os informantes são arredios e desconfiados. Um dos principais elementos da coleta dos dados “é de observar os comportamentos dos participantes” (Creswell, 2010, p.42). Tivemos a preocupação em respeitar o espaço de cada informante, e aqueles que nos permitiram se deixar gravar e fotografar assinaram a documentação exigida pelo comitê.

No campo “etnográfico, observam-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado do cotidiano, nos quais as pessoas agem” (Matos, 2011, p.51). Contudo, a documentação escrita, mesmo em outras línguas são importantes, pois o trabalho de campo não é somente aquele que faz interação com o interlocutor (CRESWELL, 2010).

No que diz respeito à análise dos dados, é qualitativo de modo simplificado, implicados na interpretação à luz da semiótica, numa relação do signo, objeto e seu interpretante, Peirce (1975). A sistematização dos dados se deu inicialmente pela leitura dos documentos escritos - como artigos, teses e plataformas digitais – os quais foram lidos, resumidos e tabulados por ano e autor. As entrevistas capturadas no campo do estudo foram transcritas e analisadas para a obtenção dos resultados, que foram organizados por categorias, tipologias e em seguida a delimitados por temáticas para a composição da escrita. A partir desses resultados, mergulhamos na escrita deste texto de forma sintática e carregada de significados à luz da fenomenologia.

Quanto às questões éticas, asseguramos direito aos participantes à livre expressão quanto às imagens e aos depoimentos, pois houve informantes que não aceitaram gravar a entrevista, devido a se sentirem psicologicamente incapazes de responder às perguntas, portanto “foi respeitada a vontade dos participantes” Creswell (2010, p.118). Os demais participantes consentiram as entrevistas por meio do formulário TCLE (Termo de Consentimento Livre esclarecido). As entrevistas abertas ocorreram na Embaixada da Noruega, em Brasília, em Museus, na Universidade UIT, no departamento Sámi e junto ao povo nórdico em estudo, na cidade de Tromsø, Noruega.

DISCUSSÕES DO RESULTADOS

Tendo em vista os elementos apresentados até aqui, percebemos que, em contexto contemporâneo, o ser humano absorve e se incorpora de outras linguagens, denominadas de signos, representações, sinais e símbolos que estão presentes no cotidiano do indivíduo. À luz da Semiótica, que detém sobre a capacidade hermenêutica o valor dos ícones, no que diz respeito às imagens, aos signos (palavras) e aos símbolos, isto é, a significação adquirida às imagens e às verbalizações, foi possível percorrer sobre as narrativas míticas do povo Sámi, um dos percursos capazes de perceber o que está por detrás daquilo que se confronta (BUENO, 2017).

Da mesma forma, os signos estão representados em vários espaços, seja nos “locais de trabalho, de lazer e socialização, [...] na nossa vida privada”, destacou Santaella (2012, p. IX). Do ponto de vista semântico, “a Semiótica é uma ciência formal que tem por objetivo estabelecer como devem ser todos os signos, para uma inteligência capaz de aprender através da experiência” (SILVEIRA, 2007, p. 38).

No turismo, a semiótica tem sido uma nova teia de conhecimento, pensada a partir das ideias de Culler (2001) visando apoiar o discurso, amparado no seu artigo *Semiótica do Turismo*. “O turista se interessa por tudo como um sinal da coisa em si [...]. No mundo inteiro, exércitos de turistas se inflamam, à procura dos sinais de demonstrações de francesismo, do comportamento italiano típico” (CULLER, 1981, p. 18, apud URRY, 2001). Sob essa perspectiva, os tecidos semióticos aparecem como significados presentes nas malas e na companhia dos turistas, logo, “os turistas contemplam lugares que eles já tenham consumido em forma de imagem. Contemplar é [...] fotografar signos ou marcas, onde os turistas estão emoldurados e fixados (LARSEN, 2014, p. 305).

Dann (1996), em seu livro *The language of tourism*, evidenciou a existência de uma linguagem verbal e não verbal particular do setor, constituída por um sistema de signos, símbolos e códigos particulares que atuam nos negócios do turismo. Compreender o multiculturalismo, no universo semiótico do signo, no campo do turismo étnico é embeber às concepções do objeto, do signo e do seu interpretante, segundo a teoria peirciano.

Mello (2019) reflete sobre os diversos signos presentes no universo turístico e que estão presentes na comunicação, na linguagem e na publicidade turística. Assim, a semiótica é um marco contemporâneo para o turismo, e que ajuda a entender e a compreender o fenômeno cultural. Nesta direção, os interessados neste tipo de turismo, ainda, interpretam e tematizam os “elementos não familiares da vida de outras pessoas, até então, supostamente familiares” (URRY,2001, p.29). Sendo assim, o que se consome no campo do turismo étnico, no ideal Sámi, são os elementos sógnicos, que residem na tradição cultural, de forma histórica, social e comunicativa. Esses elementos estão presentes na cultura, sobretudo nos inúmeros rituais. Cada ritual é agregado de símbolos, carregados de sentidos, os quais apresentam um significado (Carvalho, 2019). “Ele nasce no mito, [...] o mito narra a memória dos Entes Sobrenaturais, [...]. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais, que permanecem vivos em cada povo” (Eliade,1972, p. 11). Essas memórias afirmam a tradição cultural de uma nação.

Para compreender a cosmovisão deste povo, foi necessário mergulhar e conhecer a tradição cultural, como a língua e a cultura, que o caracteriza. Os elementos identitários que marcam e formam o patrimônio cultural de uma região se consolidam como a identidade de um lugar e de um povo. A atual definição oficial de patrimônio cultural imaterial é estabelecida pela UNESCO (2003, p. 34) “de cultural imaterial – que se transmite de geração em geração, que é constantemente recriado pelas comunidades e grupos de sua interação com a natureza e sua história”.

Dessa forma, o Sámi carrega em sua cultura uma história construída através das vivências dos seus antepassados, com representações culturais e marcas identitárias deixadas pelo tempo, como lendas, grafismos, forma de caçar, forma de pescar, forma de se alimentar, dentre outros, que são atrativos turísticos nos espaços culturais, na cidade de Tromsø. Dito isto, nascem novas perspectivas para o campo do turismo, por uma política pública pautada no desenvolvimento sustentável e na garantia dos povos indígenas, corroborou Santos (2015).

Ao compartilhar saberes com outros povos, não significa dizer que a identidade será colocada em risco. Sobre isso, identidade étnica não se caracteriza como concepção estática (Fredrik Barth, [1969] 2000), e sim dinâmica que pode ser construída a partir das interações dos grupos sociais. No entanto, o mesmo afirma que a influência mútua com outros grupos não leva ao desmoronamento, ou apagamento da cultura, em espaços híbridos, isto é, “as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias” (BARTH, 2000, p. 26).

O fortalecimento da cultura do povo Sámi a cada dia se intensifica, considerando a promoção desta em prol da tradição. Manter os laços da identidade indígena, por meio dos signos que os representam, é primordial para o fortalecimento dos rituais e, assim, manter viva a mitologia. Logo, mostra-se a autenticidade e legitimidade dos Sámi como os habitantes originais da Escandinávia (BURMEISTES et al 2006).

De modo geral, os signos, verbais e não verbais presentes em rituais, têm atraído turistas ao norte da Noruega, na cidade de Tromsø, seja por meio da mitologia ou por meio diário, na atualidade do povo em estudo. Nesse sentido, a partir das ideias de Leach, o ritual se conforma como uma linguagem de significados semióticos, em que os indivíduos e grupos se manifestam por coisas, socialmente (Leach, 1996, p. 32). Dessa forma, tanto os rituais quanto os mitos, podem ser tratados como linguagens de signos envolvendo a língua falada e a estética, expressando as pretensões dos indivíduos.

No que diz respeito ao turismo étnico, a teoria do signo empregada é a que revela os desejos dos turistas, nas imersões durante as práticas ritualísticas, de sua ação no contexto da promoção e da recepção dos turistas. A interpretação dos signos nos permite mostrar como os elementos signícos, ancorados em rituais, são mediadores de comunicação por meio das narrativas comunicacionais, presentes nos cantos, na mitologia ou nos grafismos rúnicos do povo Sámi ou em outros elementos representativos que se combinam na semiose geral do signo. Assim, os hábitos que determinam as regularidades do pensamento são geradores de significação e da ação, como “amplitude, a diversidade e a irredutibilidade dos usos da linguagem” (RICOEUR, 1989, p. 24).

No âmbito da descrição dos elementos signícos da cultura Sámi, à luz da semiótica peirciano, um objeto pode ser representado por um signo para um interpretante, e este interpretante se torna outro signo que produz um significado com outro objeto. “O que é objeto torna-se signo que se torna interpretante, e o que é interpretante vira signo ou objeto, e assim por diante” (SOUZA, 2001, p.75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo mitológico é carregado de signos que marcam a identidade, a história e a filosofia de vida, compondo a cultura imaterial do povo Sámi, que representa parte substancial da tradição cultural. A história, o mito e os rituais têm papel importante no tempo e no espaço de um povo. Segundo Dorsch (2017, p. 23), o mundo mitológico “funciona como um renascimento unificado, destacando as relações entre Homem, Natureza e Espírito”. Assim, os mitos contam a história da viagem de “entre-mundos” dos antepassados Sámi, por meio das narrativas.

Nas narrativas que marcam esses discursos, aparecem quatro tipos humanos que definem a cultura Sámi, sendo o guerreiro, o caçador, o agricultor e o pescador, personificados por um deus. “A resistência de um elemento diacrônico num modelo de vocação essencialmente acrônica parece ser o índice de uma resistência mais fundamental” (RICOEUR, 2010, p.82).

Desse modo, a cidade de Tromsø orgulha-se de seu povo e do manancial histórico que envolve o heroísmo épico nas narrativas das canções *yoik*. Essas marcas são visíveis nas decorações dos hotéis, lojas, restaurantes com expressões míticas e ancestrais que anunciam, nos signos identitários da cultura.

Dentre os variados signos encontrados na cultura do povo Sámi, levantados nos achados deste estudo, elencamos e analisamos os diversos símbolos que representam forte atração turística, é o caso do elemento sógnico rena. Das renas, tudo se aproveita, como a carne, o couro, os chifres e os ossos, que são amplamente empregados na confecção de talheres, cabos, alças, puxadores, maçanetas, botões de camisa, dentre outros.

Garantir os saberes tradicionais, portanto, nos espaços turísticos, sobretudo no turismo étnico, garante novas vivências no campo, em que o turismo étnico se forma a partir dos resultados de dois tipos de sentimento: aspectos sociais, à cultura e à identidade e por meio da divulgação da existência de um grupo étnico.

Da mesma forma, a fenomenologia corrobora no preparo da mente humana, na interpretação das “coisas” para olhar os fenômenos em sua totalidade, a fim de provocar no interpretante os atributos que são peculiares ao Sámi e que podem ser entendidos como fenômenos.

Dentre os estudos, percebemos que o povo Sámi está organizado pelo Parlamento Sámi, regido pela lei do mesmo povo. Atualmente, estabelece um diálogo harmônico com o governo Norueguês, na garantia e na valorização da tradição cultural. São por esses conhecimentos que o turista visitante da cidade de Tromsø se sente atraído e manifesta o desejo de apreender a cultura do povo Nórdico Sámi, do Ártico.

Diante do exposto, foi possível constatar que a inserção do povo Sámi na sociedade contemporânea se expandiu com os novos negócios - aliados com o turismo - e com atividades voltadas para o campo, principalmente com o pastoreio das renas, com as indústrias e produtos oriundos da tradição cultural, pautada na sustentabilidade econômica, numa relação da natureza com a cultura, como garantia identitária, no sustento do conhecimento tradicional, preconizadas na convenção do povo Sámi/Ártico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Victor Hugor Sampaio. **Por uma inserção da religião Sámi Antiga no debate das Religiões.** Revista Ágora. Vitória. N 27, 2018.

ASAD, Talal. **The construction of religion as an anthropological category.** Tradução: REIHHARDT, Bruno. **A construção da religião como categoria antropológica.** Cadernos de campo, São Paulo, n.19. 2011

AYOUB, Munir Lutfe. **Goökyningr: Guerras entre ases e Venes.** In: LANGER, Johnni (org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica.** São Paulo: Editora Hedra, 2015.

AYOUB, Munir Lutfe. **Goökyningr: o rei escandinavo como ponte entre os deuses e homens.** Dissertação de mestrado em História, Universidade Católica de São Paulo, 2013.

BAHL, M. (2016). **Dimensão cultural do turismo étnico.** In A. P. Netto, e M. G. dos R. Ansarah, (Eds.). Segmentação do mercado turístico (121-140). Barueri: Manole.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**. In: LASK, Tomke (org.). O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra-Capa Livraria, [1969], 2000, p.7-67

Carlos Eduardo Machado, Tempo e ritual no pensamento de Edmund Leach: considerações a partir de Sistemas Políticos da Alta Birmânia, **Ponto Urbe** [online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 31 janeiro 2019. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3760>; DOI: 10.4000/pontourbe.3760

Convenção 169. OIT. Organização Internacional do Trabalho. http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_169_OIT.pdf, acessado em 20/10/2019.

Convenção do povo Nórdico Sámi <http://ipol.org.br/sami-o-povo-indigena-da-noruega-lingua-oficial-parlamento-e-muito-mais/> acesso em 20/10/2019.

CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Tradução Magda Lopes. 3ªed. - Porto Alegre: Armede, 2010.

CULLER, J. **Semiotics of tourism**. American Journal of Semiotics, v.1, pp. 127-140.2001.

DANN, G. (1996). **The Language of Tourism**. London: Cab International.

DORSCH, Laura Lou Peres. **A Objectificação da Cultura Sámi: Adaptabilidade no Tempo e Reconhecimento da Identidade no Norte da Sápmi Norueguesa**. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário de Lisboa. Departamento de Antropologia. Lisboa. 2017.

DUDLEY, N., S. Stolton, A. Belokurov, Krueger L., N. Lopoukhine, K. MacKinnon, T.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FAUL, Mirella. **Mistérios Nórdicos, Deuses, Runas, Magias, Rituais**. São Paulo. Editora Pensamento. E-book. 2014. Amazon Kindle.

HICKS, Christian Jakob Burmeister. **Sinopse Histórica do Sami**. Nações Unidas Relação. 2000.

HOFFMANN, Maria Barroso. **Fronteiras étnicas, fronteiras de Estado e imaginação da nação: um estudo sobre a cooperação internacional norueguesa junto aos povos indígenas**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Museu Nacional. 2008.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2001

KENT, Neil. **The Sámi peoples of the North**. Nova York: Hurst, 2014.

LANGER, Johnni. Símbolos religiosos dos Vikings: Guia iconográfico. In: **História, imagem e narrativas**. 2015.Hedra. 2010, p. 1-28.

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia - Um Estudo da Estrutura Social Kachin**. SP: Edusp. [1954] 1996.

LIGIÉRO, Zeca. **Estudos das performances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA. orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos, Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MAUSS, Marcel. Essai sur les variations saisonnières des sociétés Eskimos: Étude de morphologie sociale. **L'Année Sociologique**, IX, Paris: (1904-1905).

MUNCH, Peter Andreas. **Mitologia Nórdica: Lendas, Deuses e Heróis**. revisão de Magnus Olsen. Traduzido do norueguês por Sigurd Bernhard Hustvedt. Nova York. Fundação American Escandinava. 1926.

OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes de Oliveira. **Feras Petrificadas: O simbolismo religioso dos animais na Era Viking**. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Dissertação de Mestrado João Pessoa. 2016.

OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. Introdução de Octanny Silveira de Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1975)

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1975.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEIRCE, Charles S. **Os pensadores**. Tradução A. M. D'Oliveira e S. Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, 1974).

RICOEUR, P. **De L'interpretation: essai sur Freud**. Paris: Seuil, 1965.

RICOEUR, P. Teoria da interpretação: **o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2010.

Sandwith e N. Sekhran, N. (eds.) **Soluções Naturais: Áreas Protegidas**. 2010.

SANTAELLA, L. **Percepção: Fenomenologia, ecologia, semiótica**. São Paulo: Cengage Learning 2012.

SANTOS, Cardenes Luciano. **Etnografia Sateré-Mawé – Sahu-Apé – Turismo e cultura**. Manaus: Valer, 2015.

SIGAUD, Lygia. 1996. "Apresentação". In: LEACH, E. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. SP: Edusp.

SILLITOE, Paul. **The development of indigenous knowledge**. A new applied anthropology. Current Anthropology. 1998.

SILVEIRA, L.F.B. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

SOUZA, Lícia S. **Conselheiro e Riel, resistência sertaneja e mestiça no Novo Mundo como configurações identitárias**. Canadart IX, Salvador-UNEB, 2001.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

Meios eletrônicos : <https://www.biodiversity4all.org/taxa/42158-Cervidae> , acesso em 23 outubro de 2019.